

SOCIEDADE, ESPAÇO SOCIAL E SEGREGAÇÃO

SOCIETY, SOCIAL SPACE AND SEGREGATION

Érika Munique de Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo se desenvolve com o propósito de entender como a sociedade tem se organizado e convergido para as práticas segregadoras. O objetivo é buscar evidências em obras clássicas que iniciam o debate sobre a sociedade e as práticas sociais, bem como nas obras contemporâneas que atentas às transformações no modo de organização social apontam questões fundamentais sobre o fenômeno segregador na atualidade. Na primeira parte deste escrito, são expostas a contribuição de Émile Durkheim, Georg Simmel e Marx Weber cujas bases da teoria social são fundamentadas em suas contribuições, realizando uma leitura da sociedade, bem como do espaço social em Pierre Bourdieu. Na segunda, os conflitos no espaço social e a segregação no pensamento de Henri Lefebvre. Na terceira, são realizadas reflexões sobre as tendências segregadoras e as contradições que se estenderam no modo de vida urbano.

Palavras-chave: Sociedade. Espaço Social. Segregação. Tendências segregadoras.

ABSTRACT

The present article is developed with the purpose of understanding how society has organized and converged to segregating practices. The objective is to seek evidence in classical works that begin the debate about society and social practices, as well as in contemporary works that attentive to the transformations in the mode of social organization point fundamental questions about the segregating phenomenon in the present time. In the first part of this paper, the contribution of Émile Durkheim, Georg Simmel and Marx Weber, whose foundations of social theory are based on their contributions, are presented, making a reading of society as well as of social space in Pierre Bourdieu. In the second, the conflicts in the social space and the segregation in the thought of Henri Lefebvre. In the third, reflections on the segregating tendencies and the contradictions that have spread in the urban way of life are carried out.

Keywords: Society. Social. organization. Segregation.

INTRODUÇÃO

¹ Mestra em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado TECCER/UEG.

A segregação tem sido amplamente discutida no contexto social para designar processos de separação sócio-espacial. A sociedade tem se organizando de tal modo, que as desigualdades sociais são visíveis, o que tem levado Geógrafos e Sociólogos investigarem o processo de organização social e as contradições emergidas na natureza de suas relações sociais com o mundo e com os objetos nele inseridos. As distâncias espaciais evidenciam as distâncias sociais como apontou Pierre Bourdieu (2012) principalmente quando consideramos a localização dos grupos sociais em diferentes setores no espaço social conforme etnia, cultura, raça e situação econômica.

Apoiando nas referências colocadas, este artigo pretende contribuir com uma compreensão do fenômeno segregador, a partir de uma análise da sociedade pautada nas contribuições de Émile Durkheim, Georg Simmel e Max Weber. Em seguida, uma leitura do espaço social, com base na obra do sociólogo Pierre Bourdieu, com objetivo de entender os processos de organização da sociedade. Posteriormente uma reflexão da segregação, focando na elaborada por Henri Lefebvre, que deixou importante contribuição ao investigar as práticas segregadoras na sociedade moderna.

SOCIEDADE E ESPAÇO SOCIAL

Compreender a sociedade no sentido mais amplo é conscientizar que a humanidade só existe entre indivíduos. E todas as relações no espaço, sejam elas harmônicas ou em conflitos são fundadas na sociedade, não sendo possível estudar um fenômeno no espaço, sem considerar a sociedade. Georg Simmel, Marx Weber e Emile Durkheim ocuparam de estudar a sociedade. Baseando em suas contribuições, procuramos entender como a sociedade é conceituada.

Para Georg Simmel (2006), sociedade é apenas um nome para um ciclo de indivíduos que estão ligados uns aos outros por uma relação mútua. Para ele, o fato dos indivíduos sofrerem ao mesmo tempo e estabelecer relações contínuas, levam a ser caracterizados como uma unidade, portanto sociedade.

O Sociólogo acredita que a relação existente entre indivíduos em todas as situações, deveria ser tratada como *sociação*², e não de sociedade. Contudo, admite que a

² Segundo Simmel (2006) *sociação* é um conjunto de efeitos ou causas semelhantes.

sociedade é o acontecer , pelo qual “cada um recebe de outrem ou comunica a outrem um destino e uma forma” (SIMMEL, 2006, p.18).

Marx weber, considerado o pensador da sociedade, aplica o conceito sociedade, ao conjunto de indivíduos que praticam ações a partir dos outros. Weber (1991) ao definir sociedade, evidencia, que ao referir ao comportamento dos outros, os indivíduos estariam praticando ação social. A ação social “significa uma ação que quanto ao sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso”. (WEBER, 1991, 3). Nesta condição ela pode ser perfeita ou imperfeita, dependendo do costume ou hábito de cada individuo na sociedade. Em suma, a ação social é uma condição para os indivíduos comunicarem uns com os outros, sendo ele ou não o sujeito de tal ação.

Para Emile Durkheim (1999), sociedade é um conjunto organizado de crenças e de sentimentos comuns entre os membros do grupo. Contudo, a sociedade se modifica, o que passa apresentar funções diferentes, unidas por relações definidas. Em “A Divisão do trabalho social”, Emile Durkheim evidencia essas modificações. Segundo Dukhein (1999, *apud* Garcia, 2005) com a evolução das sociedades tradicionais, para as sociedades modernas aumentaram as especializações e as diferenças sociais.

A preocupação do sociólogo Francês estava vinculada à integração social. Segundo ele as atividades econômicas, especificamente as atividades industriais tem capturado os indivíduos, este prevalecendo na maior parte do tempo fora de toda ação socializada segundo Durkheim (*apud* Garcia, 2005). Como evento emblemático da divisão do trabalho social, o individualismo aparece como eixo fundamental para constituição das escolhas individuais, fato que tem gerado mudanças no processo de integração social.

Baseando-se no pensamento dos clássicos, inclusive nas considerações feitas por Max Weber e Emile Durkheim, entendemos que a sociedade tem sua estrutura alterada, em função das ações individuais passando a reproduzir as mudanças no espaço social. Sobre essa questão, veremos a seguir.

ESPAÇO SOCIAL E ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

O espaço social muito debatido pelos geógrafos, sociólogos é o corpo social. Nele estão inseridas as práticas sociais e os agentes sociais. As práticas espaciais é o comportamento da sociedade no espaço social. Os agentes sociais são sujeitos que atuam,

organizam e constituem a ação social. Esses movimentos, no curso das relações sociais têm promovido as disparidades sócio-espaciais.

Pierre Bourdieu, analisando as disparidades encontradas na organização da sociedade, contribui de maneira consistente com os estudos relativos ao espaço social. Ensina o sociólogo que o Espaço social é definido “pela exclusão mútua (ou a distinção) das posições sociais, [...] nele se manifesta, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais”(BOURDIEU, 2012, p.160).

As oposições espaciais mencionadas pelo pensador representam como a sociedade se organiza de maneira contraditória na esfera: da posição econômica; da distancia física em relação aos comércios e serviços, bem como da valorização diferenciada do espaço social. Essas práticas delineam um conjunto de distinções:

Por exemplo capital/província) tendem a se reproduzir nos espíritos e na linguagem sob a forma de oposições constitutivas de um princípio de visão e de divisão, isto é, enquanto categorias de percepção e de apreciação ou de estruturas mentais (parisiense/provinciano, chique/não chique etc.) [...] são uma das mediações através das quais as estruturas sociais se convertem progressivamente em estruturas mentais e em sistemas de preferências (BOURDIEU, 2012, p.162).

Em outras palavras, a sociedade se organiza em diferentes campos no espaço social. Existem desde as localizações privilegiadas até os lugares que ocupam exclusivamente as camadas menos favorecidas da sociedade como os guetos, os cortiços, as favelas³, representando um movimento segregador, objeto que pretendemos discutir posteriormente.

Bourdieu (2012) adverte que os campos no espaço social constituem uma verdadeira distinção entre agentes sociais, isto porque a distribuição dos bens e dos serviços públicos e privados ocupam as mesmas características presente na divisão dos agentes sociais. Tal divisão emerge conflitos de diversas naturezas, configuradas nas disputas pela localização no espaço social.

³ Guetos, cortiços e favelas, são definições apoiada nos locais que compõe um número expressivo de agentes sociais e que são destinados aqueles cuja situação econômica vem a excluí-lo dos locais privilegiados, em que a valorização do endereço é a principal mecanismo para o estabelecimento da separação social (MOYSÉS, 1994).

CONFLITOS NO ESPAÇO SOCIAL E A SEGREGAÇÃO

É no espaço social que as ações humanas se concretizam. Os agentes sociais são constituídos pela relação com o espaço social e também com as coisas que nele se concentram. A apropriação do espaço nesse sentido pode ser entendida, como processo em que os indivíduos ocupam um determinado ponto no espaço (HARVEY, 2005). Essa ocupação ocorre por desejo próprio, ou por frações que mobilizam essa prática..

No espaço das relações sociais emergem conflitos pela apropriação do lugar. Nele configuram as lutas como estratégia de dominação e prestígio. Sobre essa questão assinala Bordieu (2012,p.163):

O espaço ou, mais precisamente, os lugares e os locais do espaço social reificado, e os benefícios que eles proporcionam são resultados de lutas dentro dos diferentes campos. Os ganhos de espaço podem tomar a forma de ganhos de localização [...] as rendas (ditas de situação) que são associadas ao fato de estarem situadas perto de agentes e de bens raros e cobiçados (como os equipamentos educacionais) [...] as disputas para a apropriação do espaço podem tomar uma forma individual. O sucesso das disputas dependem do capital acumulado (sob suas diferentes espécies) [...].

Dessa forma, entende-se que o capital é o precursor do movimento contraditório no espaço social. Ele é o instrumento que permite aproximar e distanciar pessoas e objetos⁴ de acordo com as interesses das bases capitalizadas conforme postulou Pierre Bourdieu (2012).

A apropriação do espaço é alcançada na medida em que as lutas acontecem. Segundo Bourdieu (2012), as lutas assumem posições fundamentais, sendo individuais ou coletivas. Individuais, no sentido da mobilidade em menor escala, em que os sujeitos passam ocupar um determinado endereço. Coletivas, a um nível maior, em que políticas habitacionais se desenrolam com o propósito de construir moradias sociais segundo padrões determinados pelo Estado. Estas tendências segundo Lefebvre (1991) emergem nos projetos urbanísticos, cuja ação se configura em diversas intencionalidades.

O conflito é o resultado das ações pautadas nas disputas pelo lugar no espaço social. Lugar para reprodução da vida, para a mobilidade, para as práticas sociais. Esse curso é interrompido pelo capital, que determina o endereço de cada indivíduo no espaço. Este processo acaba por redefinir o lugar do sujeito na cidade.

⁴ Entendido como instrumento material que as pessoas tem necessidade de utilização para reprodução da vida tais como: transporte para deslocamento, serviços e equipamentos públicos diversos.

Em relação aos conflitos, Carlos (1994, p. 95), evidencia outra perspectiva:

As contradições sociais emergem na paisagem, em toda a sua plenitude, pois aqui os contrastes e as desigualdades de renda afloram, já que o acesso a um pedaço de terra, o tamanho, o tipo e material de construção vão espelhar mais nitidamente as diferenciações de classe (...) o acesso á habitação e aos meios de consumo coletivo serão diferenciados na cidade.

Com base nas palavras de Carlos (1994) temos a alteração da composição do espaço social por meio da valorização diferencial dos espaços. Desse modo,

O bairro chique, como um clube baseado na exclusão ativa de pessoas indesejáveis, consagra simbolicamente cada um de seus habitantes, permitindo-lhes participar do capital acumulado pelo conjunto dos residentes: ao contrário, o bairro estigmatizado degrada simbolicamente, porquanto estando privado de todos os triunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não tem em comum senão sua comum excomunhão (BOURDIEU, 2012, p. 165).

As considerações feitas pelo pensador dão visibilidade ao contraste da estrutura social: do modo de vida que se diferencia, assim como o próprio conjunto social se distingue um relação ao outro, pelo lugar que habita, tanto no real quanto na interpretação deste real.

A sociedade mediante práticas sociais é dirigida por interesses e intenções. É no espaço social que os diferentes grupos sociais atuam, e criam a estrutura social. Isto se inscreve na capacidade de renda, na ocupação de melhores lugares e na apropriação diferenciada do espaço (CORRÊA, 2000). O entendimento da apropriação diferenciada do espaço pelos agentes sociais nos convida para uma análise sistemática do processo de segregação, como característica dessa emblemática.

O conceito de segregação sustenta na ideia de separação entre os grupos sociais como resultado de vários fatores problemáticos: pobreza, racismo, disparidades sociais em matéria de status social, e conseqüentemente pela posição que o individuo vem a ocupar no processo produtivo (SOUZA,2010).

Lefebvre (1991), atento com separações sócio-espaciais, considera que o fenômeno é parte de estratégias da organização do espaço, em que o sentido da organização é convertido em práticas segregadoras:

Social e politicamente, as estratégias de classes (inconscientes ou conscientes) visam a segregação. Os poderes públicos, num país democrático, não podem decretar publicamente a segregação como tal. Assim, frequentemente, adotam uma ideologia humanista que se transforma em utopia no sentido mais desusado, quando não em demagogia. A segregação prevalece mesmo nos setores da vida social que esses setores públicos regem mais ou menos facilmente, mais ou menos profundamente, porém sempre (LEFEVBRE, 1991, p.94-95).

A vida social mediante a complexidade de ações preparadas, se desvencilha da solidariedade coletiva. Considerando as atividades no espaço percebe-se que elas são organizadas conforme os princípios privilegiados pela sociedade capitalista. A sociedade ditada pelo consumo é excludente, em dois sentidos: pelo potencial de renda e capacidade de consumir, por outro lado é dissociada conforme eixos bem definidos pelo: trabalho, transporte, vida privada, lazeres, etc (LEFEVBRE, 1991).

Segundo Henri Lefebvre (1991) o modo de vida urbano é segregador. A constituição dos guetos e suas respectivas populações ilustram uma espécie de vazio espacial⁵, o descaso, onde as diferenças sociais são visíveis.

Observemos que há vários guetos e tipos de gueto: os dos judeus e os dos negros, mas também os dos intelectuais ou dos operários. A seu modo. Os bairros residenciais são guetos; as pessoas de alta posição, devida as rendas ou ao poder, vêm a se isolar em guetos da riqueza. O lazer tem seus guetos. Lá onde um, a ação preparada tentou reunir as camadas sociais e as classes, uma decantação espontânea logo as separou (LEFEVBRE, 1991, p.94).

É nesse contexto que a segregação é sistematicamente produzida/reproduzida no espaço social. A forma com que os espaços sociais são construídos, para quem é destinado,

⁵ Distribuição desigual de serviços públicos fundamentais à reprodução da vida.

dada intenção dos agentes sociais produtores e reprodutores do espaço, regidos conforme interesses conduzidos pelo Estado, capitalismo e pela burguesia (CORRÊA, 2000).

O fato de a cidade ser tomada pelo consumo faz com que a criatividade urbana percorra as separações sociais. Por outro lado, a segregação no sistema capitalista ganhou novas dimensões. As relações que foram materializadas na cidade sejam elas: sociais, culturais e econômicas comportam uma disciplina que se identifica segundo signos criados nas dimensões do capital (HARVEY, 2005).

A segregação irradia por lugares nunca antes demarcados na cidade. Os cemitérios não fogem da dissociação. É possível notar perfeitamente as separações entre os indivíduos na figura dos túmulos, bem como, pela localização do espaço destinado para cada grupo social. Com efeito, a segregação pode ser comparada a uma heterotopia. O deslocamento para “outro lugar” o não pertencimento, ao passo que outros espaços alteram sua localização e conseqüentemente sua função para distanciar, isolar pessoas (FOUCAULT, 2013).

Por outro lado, a sociedade vem organizando espaços isolados, reservados conforme norma exigida, com determinada finalidade. Foucault não preocupou em investigar a segregação. Porém, em “o corpo utópico e as heterotopias” ele menciona como a sociedade primitiva organizava lugares especiais reservados às pessoas cujo comportamento se desviava dos princípios legitimados pela racionalidade social.

Segundo ele as casas de repouso, as clínicas psiquiátricas, as prisões, as casas de recolhimento seriam os espaços que recebiam aqueles que não seguiam os padrões da sociedade da época. Esses lugares, que propôs investigar Foucault seriam provenientes de ações pautadas num movimento segregador? O fato de isolar pessoas do ambiente familiar, de se relacionar com outras e estabelecer uma dada localização para seu convívio, além da punição, é também prática segregadora. Nesse sentido, a segregação, no interior das relações sociais, constitui um dos mais severos mecanismos de separação social.

TENDÊNCIAS SEGREGADORAS NA CONTEMPORANEIDADE

Lefebvre (1991) ao estudar as tendências segregadoras na França, sugere para os que pretendem analisar o fenômeno em outras partes do mundo, considerar três aspectos: segregação espontânea que ocorre em função de renda ; segregação voluntária mediada apenas pela separação entre espaços sociais; segregação programada parte de um plano com

o objetivo de estabelecer separações entre agentes sociais. Essa discussão tem como eixo fundamental a sociedade urbana, cujas tendências segregadoras têm mobilizado o aumento da fragmentação social. Sociedade urbana que refiro, são os agentes sociais que vivem na cidade.

A cidade traçada nos planos urbanísticos pelo qual Henri Lefebvre (1991) se refere é a cidade para o consumo. O comércio para regalia dos mais diversos tipos de serviços, cada serviço dispondo de um grupo específico de consumidores. Neste universo de coisas, está a sociedade urbana, na luta pela vida, num espaço ditado pela competição, onde as ações sociais são voltadas para o arranjo da produção e do consumo, áreas industriais e residenciais, seguidas por uma lógica de reprodução do capital.

Dessa forma, a cidade passa a ser o palco das contradições responsáveis pelos processos de dominação. Neste cenário tem-se uma sociedade urbana estruturada em guetos arranjados como apontou Lefebvre(1991). As residências são organizadas e construídas em condomínios horizontais fechados, condomínios de chácaras na busca exclusividade e na tentativa de se distanciar uns dos outros. Por outro lado os bairros residenciais populares são deslocados para áreas mais longínqua da cidade, destituídos de equipamentos e serviços públicos e privados fundamentais à reprodução da vida.

As tendências segregadoras, no caso da auto segregação, ou melhor, da segregação espontânea analisada por Lefebvre (1991) não poderia ser tratada como uma “escolha”, já que as pessoas procuram escapar da violência, da insegurança dos conflitos, tal qual a sociedade urbana está condicionada. A criação de novos guetos, por exemplo, condomínios residenciais; para as atividades de lazer, como o shopping Center, os clubes, isto é, são espaços que visam o acúmulo de capital pelos agentes capitalistas conforme Souza (2010). A organização destes espaços é característico de uma segregação social pautada no lucro pela especulação imobiliária. Nesse contexto, a segregação, aparece tão emblemática no espaço social, ela é uma estratégia de classes⁶.

No caso da segregação programada, os agentes sociais constitui uma dinâmica sócioespacial que foge de todos os parâmetros conduzidos na auto segregação. Os indivíduos não procuram fugir dos problemas, pelo contrário, eles encontram no problema: ocupação de

⁶ Do ponto de vista financeiro a segregação é uma estratégia para o acúmulo de capital, nessa dimensão, a localização privilegiada de um setor, com todos os mecanismos necessários para a segurança e conforto, se torna um terreno que exclui as camadas descapitalizadas, já que o preço da localização é um fator determinante para o acúmulo de capital (CORRÊA, 2000).

terrenos impróprios para construção de casas, considerando as favelas, uma alternativa para outro problema ainda maior, que é a ausência de um local para morar. Desse modo, não estão salvos da violência na cidade, já que não estão preocupados com a segurança nem com conforto, e sim com um lugar para a realização das atividades vitais.

A segregação amplia as disparidades sociais. O medo, a insegurança da vida cotidiana, faz com que a sociedade urbana procure outros meios para socializar⁷, ao invés de freqüentar a praça da cidade, parques, e logradouros públicos, os indivíduos:

[...] levam uma vida abstrata e digitalizada em vez de partilhar experiências juntos. Enclausurados pelas novas tecnologias, permanecem em casa, em um enclausuramento insular. Ao mesmo tempo, enquanto o corpo deixaria de ser o ancoradouro real da vida, organiza-se um universo descorporificado, dessensualizado, desrealizado o das telas e dos contatos digitalizados (LIPOVELSKY, 2011, p.45).

Enquanto uma pequena parcela de cidadãos são enclausurados numa “bolha de proteção” como denominou Souza (2010): os condomínios fechados, com todo aparato tecnológico, veículo de transporte com dispositivos de segurança, tudo para se proteger da violência do mundo exterior. A outra parcela de cidadãos encontra-se nas áreas não urbanizadas no tecido urbano, sujeito ao assalto, nos pontos de ônibus, no percurso entre casa-trabalho.

Esse cenário constitui a problemática urbana, tal qual presenciamos o que Lefebvre (1991), chama de “*crise da cidade*”. Processo que é resultado das mudanças ocorridas no espaço social. Nesse contexto, a sociedade urbana se organiza para reivindicar pelo Direito á cidade: “[...] direito à atividade participante e o direito à apropriação, bem distinto do direito á propriedade” Lefebvre (1991, p.135). O descontentamento da sociedade diante de tanta criminalidade, desigualdade social tem se revelado nas manifestações urbanas. A sociedade urbana organizando para reivindicar: saqueando supermercados, fato muito recente na Venezuela; incendiando ônibus, fechando ruas e avenidas em sinal de protesto. Tal experimentação urbana, inspirou Harvey (2014) a escrever “Cidades Rebeldes⁸”.

⁷ Segundo Simmel (2006) é a interação entre seres humanos.

⁸ Nesta obra ele realiza uma leitura dos movimentos sociais urbanos por reivindicações políticas e culturais.

Nesse contexto, as tensões sociais aumentam na medida que os problemas sociais de base como: pobreza e segregação agravam como apontou Souza (2010). Essas questões estão imersas na organização da sociedade, nas disparidades sociais ampliadas pelo sistema capitalista que fragmentam a sociedade e criam oposições conforme a disponibilidade de renda entre as frações sociais.

Considerações Finais

A organização da sociedade no espaço social é uma condição para a segregação. Isso é evidente nas ações sociais, nos diferentes usos do espaço social. As relações sociais ampliaram o nível de oposições sociais entre agentes sociais, instituições e hábitos. Compondo uma diversidade de relações direcionadas a disciplinarização da vida. Pierre Bourdieu (2012) evidenciou isso, no caso da França, e isso está presente na sociedade em sua totalidade. O aumento das divisões demonstra o quanto à sociedade ampliou as distâncias sociais a nível econômico, social e cultural.

É neste movimento, que as tendências segregadoras redefinem as estruturas sociais, revelando contradições: a exclusão, a miséria e ao mesmo tempo o enclausuramento das parcelas capitalizadas nos condomínios residenciais fechados. Os argumentos apresentados por Henri Lefebvre (1991) se mostram coerentes: “socialmente e politicamente, as estratégias de classes (inconscientes ou conscientes) visam à segregação (1991, p.94). Isto é o processo de segregação, visando apenas as benesses de pequenas parcelas sociais, excluindo as possibilidades de interação entre os agentes sociais.

Assim, é possível enxergar, claramente, o declínio das relações harmônicas no espaço social. Em que o individualismo, as oposições sociais se tornam tão intensos ampliando a propagação dos conflitos. Nesse contexto, a segregação aparece tão emblemática na sociedade e conseqüentemente no espaço social.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: USP, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2000.

REVISTA PRODUÇÃO ACADÊMICA – NÚCLEO DE ESTUDOS URBANOS REGIONAIS E AGRÁRIOS/ NURBA
Vol. 3, N. 2, 2017

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GARCIA, Dirce Maria Falcone. **O Pensamento Sociológico de Émile Durkheim**. PUC-Minas. Disponível em <ftp-acd.puc-campinas.edu.br/.../O%20pensamento%20sociologico%20> Acesso em: jul.2015.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 1991.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília, DF: Editora UnB; v.1 São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1991.